

Senador defende reforma da Carta

Da sucursal de
BRASILIA

"Creio que o Congresso eleito em novembro traz a predestinação da grande hora de restauração constitucional que estamos vivendo", afirmou o senador Passos Porto, na sessão de posse dos 25 novos senadores, que durou 20 minutos. Acrescentou que o Legislativo, "apesar de sua crise histórica e do permanente combate que lhe fazem as forças obscurantistas, emerge a cada período de sua renovação pela grande missão mediadora e o espectro de esperança que se abre no horizonte da sociedade em conflito".

Ao novo Congresso, após mais de 90 anos de experiência republicana — acrescentou — "cabe fazer a reflexão crítica e consolidar em caráter definitivo não só os mecanismos mas também a substância da democracia". Discursando na qualidade de primeiro vice-presidente, Passos Porto lembrou que a sessão legislativa iniciada terá dias difíceis, "pois além da restauração das prerrogativas do Legislativo e do próprio equilíbrio institucional existem os problemas conjunturais do País e da ordem econômica mundial, que encaminham todos a profundos e significativos períodos da vida política nacional, no instante do encontro da esperança com o desespero, da ilusão com a realidade".

Grande número de convidados, parentes e amigos dos eleitos, invadindo o plenário, impediu que as palavras do orador fossem escutadas pelos senadores, também ocupados em se cumprimentar após o recesso parlamentar. Luís Vianna Filho (PDS-BA) procurava Itamar Franco (PMDB-MG) e Roberto Saturnino (PDT-RJ), os três únicos que se conseguiram reeleger em novembro. "Onde estão os outros sobreviventes?" — indagava o ex-presidente do Senado. Dos três senadores eleitos governadores — Franco Montoro (SP), José Richa (PR) e Tancredo Neves (MG) —, somente este último não assistiu à sessão no plenário.

Passos Porto reiterou a evidência de um quadro difícil que os parlamentares deverão enfrentar solidários, acrescentando que os eloquentes debates deverão dar vida e identidade política ao Senado, mantido o compromisso da instituição com o entendimento, "que não exclui a divergência para o encontro de sábias e honrosas decisões para o País".

Juramento

Carlos Chiarelli foi indicado para ler o juramento: "Prometo guardar a Constituição Federal e as leis do País, desempenhar fiel e lealmente o mandato de senador que o povo me conferiu e sustentar a união, a integridade e a independência do Brasil".

Na medida em que iam sendo chamados, os senadores diziam "assim o prometo", e começaram os aplausos. Marco Maciel foi um dos senadores mais cumprimentados, várias vezes chamado de "meu futuro presidente", enquanto o paranaense Leite Chaves, mesmo tendo perdido o mandato, assistia à sessão. As galerias estavam lotadas de convidados, muitos procurando tirar fotos com os senadores. Seguiu-se um coquetel no Salão Negro, para uma multidão de mais de quatro mil pessoas, e hoje, às 10 h, na segunda sessão preparatória da 47ª legislatura, será eleita a Mesa do Senado, que terá como presidente o antigo líder Nilo Coelho (PDS-PE).

Presidência

O senador Mauro Borges, que retorna ao Congresso depois de casado em 64, afirmou que o processo de democratização ainda não está completo, mas o presidente Figueiredo terá condições de prosseguir até complementá-lo, lembrando como metas principais o restabelecimento total das prerrogativas do Legislativo, a convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte e as eleições diretas para a Presidência da República. "Se isso for impossível, ainda assim o PMDB lançará candidato

indireto à sucessão de Figueiredo", frisou Mauro Borges, lembrando os nomes de Ulysses Guimarães, Franco Montoro e Tancredo Neves como prováveis candidatos.

O governador Franco Montoro insistiu na luta pelo restabelecimento da eleição direta para a Presidência da República, frisando não se tratar de uma meta impossível, diante do resultado das eleições de novembro. Antes de se cogitar de nomes, entretanto, deve-se persistir na tese, tal como na aprovação da Emenda Benevides para a autonomia política das capitais. Montoro reiterou que não indicará até lá o nome do prefeito de São Paulo, enquanto o senador Severo Gomes, tido como um dos mais cotados para o cargo, dizia preferir ficar no Senado. Luiz Vianna deu-lhe apoio, comentando que as prefeituras dispõem de poucos recursos, mas no caso de São Paulo "quanto maior a nau, pior a tempestade".

O senador Roberto Saturnino (PDT-RJ) comentava que não adianta em início de legislatura apresentar projetos, pois a maioria é arquivada, sendo mais importante lutar contra os projetos do governo. Carlos Chiarelli (PDS-RS) afirmou que a reformulação da Lei Salarial será um dos principais temas em debate, e o partido governista deve debater-lo sem limitações por se tratar de matéria de interesse nacional. O governo que propôs a lei original deve se responsabilizar pelas alterações, frisou o senador. Às 17h, a maioria dos senadores havia-se retirado do salão negro, mas os convidados ainda aproveitavam o final do coquetel.

José Richa, senador eleito para o governo do Paraná, mostrava-se tranquilo em relação ao cumprimento de seu programa de governo, depois que Montoro frisou que cumprirá todos os projetos defendidos durante a campanha. "Se eu eliminar ou reduzir ao máximo a corrupção — comentou Richa — já terei satisfeito mais da metade dos interesses populares."